# OFICINA INFANTIL DE DANÇA AFRO

# Raimundo Gonçalves (Bujão) Do Conselho das Entidades Negras da Bahia — CENBRA e do Núcleo Cultural Niger Okan



Oficina Infantil de Danca Afro foi uma das atividades desenvolvidas pelo Núcleo Cultural Niger Okan que é vivido, por seus integrantes, como um instrumento político. Esta Oficina foi ministrada no Colégio Lomanto Júnior - Itapuã, o primeiro colégio a estabelecer um debate sobre Zumbi dos Palmares e o 13 de Maio em Salvador. Esta oficina foi uma experiência muito forte: eu, por exemplo, que era um dos coordena-

dores do trabalho, não avaliava sua dimensão e seu retorno para nós e para as próprias crianças. O interessante é que a experiência, no começo, não foi bem aceita pelos professores. Foi assim: fizemos um convênio com a escola e tentamos um horário — duas vezes por semana das 10:00 às 12:00 horas. Algumas professoras (as "brancas de cabeça") questionavam nosso trabalho dizendo que não conseguiam ensinar porque o batuque perturbava a aula. Brigamos muito, mas acabaram por nos absorver.

A oficina recebeu crianças de dois a 14 anos que estudavam nas escolas públicas e que à tarde iam vender amendoim, ou ficavam zanzando pela rua. Percebi que a escola que as crianças freqüentavam era uma catástrofe, porque eles entendem que a criança só pode aprender do jeito que eles querem, que a cartilha mostrou. E, na verdade, acho que a educação tem que partir da realidade das crianças porque senão elas aprendem apenas por obrigação. E a experiência na Oficina mostrou que elas têm interesse, porque todos os dias chegava criança querendo se inscrever.

O trabalho na Oficina permitiu descobrir que as

crianças não conheciam os instrumentos africanos. Descobrimos, também, que a palavra candomblé não podia ser citada a princípio, ela afastava as crianças: elas estavam dançando o ritmo dos Orixás, mas se falasse em candomblé a família, por sua formação católica, não permitia que a criança estivesse na escola aprendendo o ritmo do candomblé.

A Oficina era frequentada por crianças negras e brancas, também. Isso me faz pensar que é possível pessoas se identificarem com elementos de outras culturas. Havia também um menino homossexual, ótimo dançarino. Atuamos no sentido das crianças se relacionarem com este menino à nível de igualdade, sem discriminar.

Nosso trabalho foi de liberar criatividade. Fazíamos sabatina de instrumentos: mostrávamos seis instrumentos e sabatinávamos. Quando a criança não sabia perguntava para outra, ou respondia: "isso aí é cascavel". E era chocalho. Faziam a ligação porque cascavel tem chocalho. Eles não sabiam o nome mas criavam. O agogô, diziam que era vendedor de taboca, porque tinha o som de taboca, taboqueiro. O instrumento mais conhecido era o berimbau, que era também o mais reprimido, por causa daquela visão de algumas famílias que berimbau é coisa de moleque, de ladrão. Descobrimos que as crianças — meninos e meninas — gostam muito de capoeira.

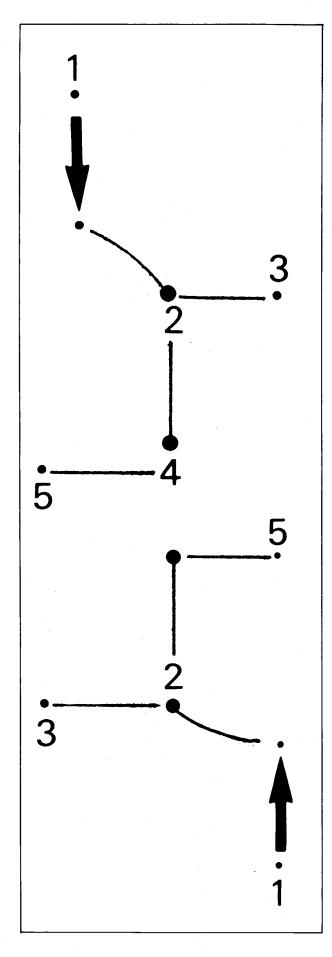
Conversamos com os pais destas crianças para sabermos como perceberam o trabalho.

### Depoimento 1

- P. O que a senhora achou da Oficina?
- R: Um centro de desenvolvimento para as crianças. Um início da criatividade.
- P. Qual o interesse das crianças para com a Oficina?
- R: Eles ficavam muito incentivados com a dança e gostavam porque faziam o que queriam.
- P. A senhora verificou alguma coisa no comportamento da criança?
- R: Verifiquei. Por exemplo, o Augusto que comia menos, com a Oficina passou a comer mais.
- P. A senhora gostaria que o trabalho continuasse?
- R: Gostaria, pelo menos é uma opção de lazer que as crianças terão.

### Depoimento 2

- P. O que você acha da Oficina?
- R: Achei ótimo, fiquei triste com o interrompimento.
- P. Qual o interesse da menina com a Oficina?
- R: Ela se interessou muito, se preocupava com o que aprendia e chegava a repetir os movimentos, o que serviu, inclusive, para desembaraçá-la. Acabou com a timidez, porque ela tinha vergonha de tudo. Isso eu vejo nas crianças que estão ficando mocinhas, a soltura delas na rua e fico me lembrando da Oficina.
- P. A senhora gostaria que esse trabalho continuasse?
- R: Sim, pelo menos tinha uma coisa em Itapuã para instruir as crianças porque, a não ser a escola, as criancas não têm nada.



- P. O que representou para as crianças este trabalho?
- R: Representou muito. Aprenderam a viver em grupo, o que elas não estavam habituadas.
- P. O que representa para as crianças esse trabalho?
- R: É ótimo, é quando a criança aprende a viver com a realidade. Ajuda muita gente que é fraca. Acho que o trabalho estava fortalecendo a educação dela dentro de casa.

### Depoimento 3

- P. O que você achou da Oficina?
- R: Eu achei muito boa. Minha filha era tímida e isto foi um pulo muito grande. Hoje ela dança no balé, porque além de ser muito tímida, quando ela via muita gente ela se recolhia. Agora está disposta, dinâmica e desinibida. Ela era complexada, mas agora tanto faz branco ou negro, ela convive numa boa. Aqui ela não almoçava na frente de ninguém. Agora, se tiver farinha ela come com quem estiver presente.
- P. Na escola, ela teve alguma modificação?
- R: Isto é que é engraçado. Antes de entrar na Oficina de Dança, era uma aluna muito fraca, não tinha coragem de perguntar as coisas. Digo isso porque a professora dizia que ela era muito acanhada. Agora ele criou senso de responsabilidade porque se preocupa em estudar e fazer os deveres para ter tempo de ir para a Oficina.
- P. A senhora gostaria que esse trabalho continuasse?
- R: Sim, e muito, porque as crianças adoraram. Os dois que não foram estão loucos para entrar.

## Depoimento 4

- P. O que a senhora achou da Oficina?
- R: Foi muito bom. Serviu para tirar os meninos da rua. Deu ocupação sadia, e achei ótimo.
- P. A senhora notou alguma modificação no comportamento da criança?
- R: Sim, ela está dançando muito bem, ficou mais ativa, pois era muito chorona. Agora ela conversa mais, inclusive, ela passou a comer mais.
- P. A senhora gostaria que esse trabalho continuasse?
- R: Sim, porque estava tendo muita importância na vida da criança, ela criou mais amigos.
- P. A senhora tem mais algum filho interessado em participar desse trabalho?
- R: Sim, tenho mais dois. Pena que eles não conseguiram vaga.

Esta experiência com as crianças foi para mim uma coisa que me realizou como negro. As mães das crianças brancas e negras perceberam a dimensão do trabalho e como tinha sido gostoso para as crianças.

Para mim a questão fundamental é a identidade; a estratégia para atingir as crianças é partir da realidade e reforçar nossos símbolos de cultura negra.